

Os filhos da África em Portugal – Antropologia, multiculturalidade e educação³¹

Neusa Maria Mendes de Gusmão

A proposta de problematizar a realidade luso-africana em Portugal teve por meta conhecer e refletir sobre como se vêem e são vistos os africanos provenientes de antigas colônias portuguesas na África que emigraram para Portugal. Um expressivo contingente que, falando a mesma língua, partilhando elementos culturais comuns, não ostentam o mesmo biotipo – são assim, portugueses, diferentes de outros portugueses e, hoje, configuram, certamente, um dos desafios prementes do Estado português frente à realidade do seu povo. O desafio aqui proposto consistiu em entender a ambigüidade do momento histórico na relação com diversas agências e agentes sociais, de modo a avaliar as tradições de grupo e as relações que emergem a partir da inserção no mundo português. Considerou-se, principalmente, crianças e jovens africanos e luso-africanos, como sujeitos feitos “estrangeiros” de si mesmos e da nação portuguesa, desterritorializados e portadores de identidades múltiplas e que são, hoje, o retrato mais acabado de uma ordem que se globaliza e que os nega. A discussão adentra um campo particular – a Escola de Ensino Básico, EB 1 n° 66 – que atende a população da Charneca “do Lumiar” e, entre elas, a do bairro Quinta Grande, um bairro degradado, típico das chamadas ‘Aldeias d’ África’, em Lisboa. Em questão os objetivos de uma política multicultural, tornada obrigatória no mundo europeu e na qual está em jogo a realidade concreta dos grupos imigrantes, em particular, daqueles considerados diferentes: os africanos e seus filhos, os novos luso-africanos ou ainda, os jovens negros portugueses. Ao discutir as *Fronteiras Étnicas* no campo da *Educação* e da *Antropologia*, o presente trabalho assumiu o caso de Portugal e dos imigrantes dos PALOP como realidade marcada por um discurso técnico e ideológico de busca e efetivação de direitos sociais dos segmentos excluídos. No entanto, deixa entrever uma prática, ainda, no mínimo frágil, diante dos desafios a que

³¹ Tese de livre-docência em Antropologia da Educação. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2002. 329 p.

se propõe responder. Cada vez mais, o que se tem na educação portuguesa, é um discurso técnico que toma por base uma produção acadêmica, típica das chamadas “ciências de serviço”, mais perceptível no campo das sociologias. Aqui, a antropologia, ao diferenciar-se por sua história, por seus pressupostos e por seus instrumentos, pode vir a ser uma ciência de referência, que têm possibilidades de contribuir com o campo educacional diante da diversidade social humana. O entendimento da diversidade étnico-sócio-cultural, aqui exemplificado pela história de um bairro e de seus moradores, mais que uma história particular, revela a dimensão mais geral de um processo contemporâneo, desafiador da ordem social inclusiva e multicultural.